

Futebol e política

RONALDO HELAL

Soa como opinião culta dizer que o "futebol é o ópio do povo". As atuais manifestações batem de frente com esta opinião. Com todo o descontentamento em relação à PEC 37 — emenda constitucional que retiraria do Ministério Público a atribuição de realizar investigações criminais —, às obras superfaturadas dos estádios para a Copa do Mundo e ao aumento das tarifas das passagens de ônibus, pode ser que as manifestações não tivessem ocorrido de maneira tão intensa.

Talvez tenha sido justamente a Copa das Confederações o estímulo a mais para que as pessoas fossem às ruas protestar.

Garantir à população sistemas de saúde e educação eficazes e combater a corrupção com punições exemplares são tarefas de todo governo, independentemente de Copas do Mundo. O futebol alienaria o povo tanto quanto as novelas, o chope com os amigos e até mesmo o sexo. Nestas atividades nos distraímos — desviamos nossa atenção — e não nos preocupamos com outras questões. Isto não significa necessariamente que estamos narcotizados por elas.

O futebol, a televisão e — repito — até mesmo o sexo podem ser ópios, dependendo do que fazemos com eles. Se o sujeito regula sua vida pelo que se passa no universo futebolístico, isso pode se tornar um problema, da mesma forma que o chope, se o sujeito bebe todos os dias e por horas seguidas.

*Há uma
tendência a
'demonizar'
a Copa
do Mundo
no Brasil*

Tem sido uma constante e também soado como opinião erudita correlacionar os resultados da seleção em Copas do Mundo com as

eleições presidenciais que ocorrem no mesmo ano. As evidências empíricas têm demonstrado repetidamente o equívoco desta associação. Em 1998, o Brasil perdeu para a França por 3 a 0 na final, e o então presidente Fernando Henrique Cardoso se reelegeu ainda no primeiro turno, possivelmente embalado pelo sucesso, na época, do Plano Real.

Em 2002, o Brasil conquistou o pentacampeonato e Lula, candidato da oposição, se elegeu presidente. Em

Futebol e política

RONALDO HELAL

Soa como opinião culta dizer que o "futebol é o ópio do povo". As atuais manifestações batem de frente com esta opinião. Com todo o descontentamento em relação à PEC 37 — emenda constitucional que retiraria do Ministério Público a atribuição de realizar investigações criminais —, às obras superfaturadas dos estádios para a Copa do Mundo e ao aumento das tarifas das passagens de ônibus, pode ser que as manifestações não tivessem ocorrido de maneira tão intensa.

Talvez tenha sido justamente a Copa das Confederações o estímulo a mais para que as pessoas fossem às ruas protestar.

Garantir à população sistemas de saúde e educação eficazes e combater a corrupção com punições exemplares são tarefas de todo governo, independentemente de Copas do Mundo. O futebol alienaria o povo tanto quanto as novelas, o chope com os amigos e até mesmo o sexo. Nestas atividades nos distraímos — desviamos nossa atenção — e não nos preocupamos com outras questões. Isto não significa necessariamente que estamos narcotizados por elas.

O futebol, a televisão e — repito — até mesmo o sexo podem ser ópios, dependendo do que fazemos com eles. Se o sujeito regula sua vida pelo que se passa no universo futebolístico, isso pode se tornar um problema, da mesma forma que o chope, se o sujeito bebe todos os dias e por horas seguidas.

Há uma tendência a 'demonizar' a Copa do Mundo no Brasil

Tem sido uma constante e também soado como opinião erudita correlacionar os resultados da seleção em Copas do Mundo com as eleições presidenciais que ocorrem no mesmo ano. As evidências empíricas têm demonstrado repetidamente o equívoco desta associação. Em 1998, o Brasil perdeu para a França por 3 a 0 na final, e o então presidente Fernando Henrique Cardoso se reelegeu ainda no primeiro turno, possivelmente embalado pelo sucesso, na época, do Plano Real.

Em 2002, o Brasil conquistou o pentacampeonato e Lula, candidato da oposição, se elegeu presidente. Em 2006 e 2010, a seleção foi eliminada nas quartas de final e a situação seguiu no poder. Mas, talvez por inércia, muitos continuam acreditando na correlação futebol-eleições.

Tenho observado certa tendência a "demonizar" a Copa do Mundo no Brasil. Os problemas brasileiros são muitos, mas não são culpa do futebol. O país melhorou, ainda que lentamente, em alguns setores básicos, mas ainda falta muito. Há que se destacar que a democracia se consolidou cada vez mais e as manifestações sem bandeiras de partidos são uma novidade na história do Brasil.

O fato de elas estarem ocorrendo justamente no período da Copa das Confederações demonstra que o futebol não engana a população. Se a intenção de aumentar as passagens e de votar a PEC 37 — já derrotada — justo neste período era uma aposta na suposta alienação das massas, o tiro saiu pela culatra. Momento mais propício para chamar a atenção do que este, somente na Copa do Mundo e nos Jogos Olímpicos. ■

Futebol e política

RONALDO HELAL

Soa como opinião culta dizer que o "futebol é o ópio do povo". As atuais manifestações batem de frente com esta opinião. Com todo o descontentamento em relação à PEC 37 — emenda constitucional que retiraria do Ministério Público a atribuição de realizar investigações criminais —, às obras superfaturadas dos estádios para a Copa do Mundo e ao aumento das tarifas das passagens de ônibus, pode ser que as manifestações não tivessem ocorrido de maneira tão intensa.

Talvez tenha sido justamente a Copa das Confederações o estímulo a mais para que as pessoas fossem às ruas protestar.

Garantir à população sistemas de saúde e educação eficazes e combater a corrupção com punições exemplares são tarefas de todo governo, independentemente de Copas do Mundo. O futebol alienaria o povo tanto quanto as novelas, o chope com os amigos e até mesmo o sexo. Nestas atividades nos distraímos — desviamos nossa atenção — e não nos preocupamos com outras questões. Isto não significa necessariamente que estamos narcotizados por elas.

O futebol, a televisão e — repito — até mesmo o sexo podem ser ópios, dependendo do que fazemos com eles. Se o sujeito regula sua vida pelo que se passa no universo futebolístico, isso pode se tornar um problema, da mesma forma que o chope, se o sujeito bebe todos os dias e por horas seguidas.

*Há uma
tendência a
'demonizar'
a Copa
do Mundo
no Brasil*

Tem sido uma constante e também soado como opinião erudita correlacionar os resultados da seleção em Copas do Mundo com as

eleições presidenciais que ocorrem no mesmo ano. As evidências empíricas têm demonstrado repetidamente o equívoco desta associação. Em 1998, o Brasil perdeu para a França por 3 a 0 na final, e o então presidente Fernando Henrique Cardoso se reelegeu ainda no primeiro turno, possivelmente embalado pelo sucesso, na época, do Plano Real.

Em 2002, o Brasil conquistou o pentacampeonato e Lula, candidato da oposição, se elegeu presidente. Em 2006 e 2010, a seleção foi eliminada nas quartas de final e a situação seguiu no poder. Mas, talvez por inércia, muitos continuam acreditando na correlação futebol-eleições.

Tenho observado certa tendência a "demonizar" a Copa do Mundo no Brasil. Os problemas brasileiros são muitos, mas não são culpa do futebol. O país melhorou, ainda que lentamente, em alguns setores básicos, mas ainda falta muito. Há que se destacar que a democracia se consolida cada vez mais e as manifestações sem bandeiras de partidos são uma novidade na história do Brasil.

O fato de elas estarem ocorrendo justamente no período da Copa das Confederações demonstra que o futebol não engana a população. Se a intenção de aumentar as passagens e de votar a PEC 37 — já derrotada — justo neste período era uma aposta na suposta alienação das massas, o tiro saiu pela culatra. Momento mais propício para chamar a atenção do que este, somente na Copa do Mundo e nos Jogos Olímpicos. ●

Ronaldo Helal é sociólogo